

A BOMBA BRANCA

Suplemento de grande expansão em toda a Província de Beira Baixa
PELO ESTADO NOVO E PELA UNIDADE E PROPAGANDA DA PROVÍNCIA DA BEIRA BAIXA
Composição e impressão — Tip. Portella Felício — Castelo Branco

Director e Editor
ANTONIO RODRIGUES CARDOSO

Administrador e Proprietário — José Portella Felício
Redacção e Administração
RUA ALFREDO KEIL — CASTELO BRANCO — Telefone 112

ESTE N.º VEMERNO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

A tormenta

No artigo editorial referimos-nos ao violentíssimo ciclone que açoitou a nossa região, como todo o País, no sábado da semana passada e pouco mais é preciso dizer.

Os prejuizos na cidade não foram muito grandes, felizmente. Casas derruídas, que nos consta, só houve duas na encosta do castelo. Chaminés caíram algumas. Casas mais ou menos destelhadas houve bastantes, não tendo por isso mãos a medir nos dias seguintes os operários da especialidade. Um dos prédios em que isso se fez sentir bastante foi a quele onde está instalada a Inspeção de Finanças. Vidraças escavacadas foram numerosas. Muros de vedação de propriedades caíram muito.

Linhas telegráficas, telefónicas e da iluminação da cidade foram avariadas. Estivemos duas noites sem luz e o telegrafo ainda ontem não funcionava, assim como não havia comunicações telefónicas com as outras terras do País.

O que se deu na cidade deu-se pouco mais ou menos em todas as povoações vizinhas e em todas as do nosso distrito.

Estragos de vulto foram os que se deram nos campos. Não houve olival em que não fossem arrancadas bastantes oliveiras, outras partidas pelo tronco e muitíssimas as que ficaram com as copas reduzidas a metade ou menos ainda.

Nos montados do Ponsul foram também grandes os estragos.

Nos pomares não foram menores os prejuizos. Nespereiras e amendoceiras foram raras as que escaparam.

Nos eucaliptos que havia ao lado das estradas foi enorme o destroço e isso contribuiu para interromper por algum tempo a circulação de viaturas.

Nos pinhais houve estragos consideráveis. Num pequeno pinhal que se vê perto da Fonte Sapateira e que pouco mais teria de cem pinheiros foram arrancados cinquenta, e em todos os que há na região sucedeu pouco mais ou menos a mesma coisa.

Desgraças pessoais só se fala de uma pobre mulher que em Escalos morreu por ter sido atingida pela perna de uma árvore e de outra que apareceu morta nas proximidades do Ponsul por, segundo se supõe, ter sido derrubada pela ventania do jumento em que ia montada.

Uma coisa que nos custaria crer, se não vissemos as provas: — O ciclone matou muitas centenas de pombos bravos. Dizemos centenas, levando em linha de conta os que vimos e os que virem pessoas dignas de todo o crédito; mas é muito possível que o número das aves mortas passassem de milhar só nos «montados» do Ponsul.

Resumindo: um ciclone como de outro ninguém se lembra por cá, mas, graças a Deus, que não atingiu as proporções do que se viu e sentiu no resto do País.

Os prejuizos mais graves foram os que causou nos olivais, que são a nossa maior riqueza.